

# O desafio da formação profissional: novo paradigma, novo modelo formativo\*

por **Fernanda Ribeiro**

Faculdade de Letras da Universidade do Porto (Portugal)

## Resumo

Nesta intervenção analisam-se os contextos tradicionais e os conteúdos que têm caracterizado a formação dos arquivistas, inserindo esta problemática no paradigma dominante da Arquivística, herdeiro das concepções e do modelo gerado pela Revolução Francesa. Esta visão é discutida e criticada à luz de um novo paradigma emergente por força das condições sociais, económicas, culturais e tecnológicas da Sociedade da Informação. Daí decorre uma nova concepção que entende a Arquivística como uma disciplina aplicada da área da Ciência da Informação, centrando-se esta no objecto *Informação* e apresentando-se como um campo uno e transdisciplinar, que convoca, naturalmente, outras disciplinas numa clara e fecunda interdisciplinaridade.

Esta perspectiva epistemológica é coerentemente plasmada num modelo de formação científico-profissional, que se ilustra com o caso do *Curso de Licenciatura em Ciência da Informação*, ministrado conjuntamente pela Faculdade de Letras e pela Faculdade de Engenharia, da Universidade do Porto, e iniciado em Outubro de 2001.

## Palavras-chave

Formação profissional / Ciência da Informação

## 1. A Formação tradicional dos arquivistas à luz do paradigma *histórico-tecnicista*

A Arquivística que hoje conhecemos é um “produto” relativamente recente, se comparado com as origens dos arquivos, que remontam *grosso modo* à época do surgimento da escrita, nas regiões do Médio Oriente, alguns milénios a. C. Com efeito, a Arquivística, como disciplina, nasceu na sequência da Revolução Francesa e

---

\* Este texto inspira-se, em boa parte, num livro em fase de ultimização, intitulado *Das "Ciências" Documentais à Ciência da Informação : ensaio epistemológico para um novo modelo curricular*, que foi elaborado em resultado da reflexão levada a cabo por um grupo informal constituído a convite do Curso de Especialização em Ciências Documentais da Faculdade de Letras da Universidade do Porto e com a seguinte composição: Anabela Lapa, Armando Malheiro da Silva, Elisa Cerveira, Fernanda Ribeiro, João Álvaro Carvalho, João Leite e Maria Manuel Borges.

desenvolveu-se no seio da História positivista. O modelo francês — caracterizado, sobretudo, pelo nascimento de serviços (os Archives Nationales), criados artificialmente com o propósito de concentrar os documentos considerados indispensáveis à história da Nação, e pela afirmação do conceito operatório de “fundo”, formulado em 1841 pelo historiador Natalis de Wailly — desenvolveu-se ao longo de todo o século XIX, consolidou-se na última centúria e espalhou-se por toda a Europa e o Novo Mundo. Podemos afirmar, sem complexos, que o paradigma dominante na Arquivística é ainda hoje de matriz historicista, costudial e documental, embora tenha ganho contornos de um tecnicismo autonomizante, desde finais de Oitocentos, época em que a publicação do célebre “Manual dos Arquivistas Holandeses”, da autoria de Muller, Feith e Fruin<sup>1</sup>, marca precisamente a entrada da Arquivística numa nova fase. Este reforço da vertente técnica acentua-se especialmente após a Segunda Guerra Mundial, assumindo-se desde então com nitidez a dicotomia “arquivo histórico”/“arquivo corrente” como duas áreas distintas e começando-se a desenvolver uma prática voltada essencialmente para a resolução dos problemas gerados pela acumulação de grandes “massas documentais”. O arquivista passa a ser, sobretudo, um técnico a quem compete fazer estudos de avaliação para legitimar a selecção e eliminação de documentos ou um especialista em descrever documentação para a tornar acessível nos arquivos históricos, através dos denominados “instrumentos de pesquisa”, cada vez mais sujeitos a normas internacionalmente aceites.

A formação dos profissionais dos arquivos ao longo das duas últimas centúrias tem de ser entendida em estreita consonância com o paradigma dominante, que designamos por *histórico-tecnista* e que muito brevemente acima caracterizámos<sup>2</sup>. Contudo, os sinais de crise que este paradigma evidencia e os gérmens de mudança que em si mesmo encerra potenciam uma alteração radical dos modelos e dos conteúdos curriculares, como resposta aos desafios da Sociedade da Informação.

A formação dos arquivistas, como, aliás, a dos bibliotecários, começou por ser obtida, pela prática quotidiana, nas instituições vocacionadas para salvaguardar o património documental das nações — este modelo institucional surgiu com a Revolução

---

<sup>1</sup> MULLER, S.; FEITH, J. A.; FRUIN, R. - *Handleiding voor het ordenen en beschrijven van de vereniging van archivarissen*. Groningen : Erven B. van der Kamp., 1898. (Trad. brasileira de Manoel Adolpho Wanderley, sob o título: *Manual de arranjo e descrição de arquivos*. 2ª ed. Rio de Janeiro : Ministério da Justiça, Arquivo Nacional, 1973).

<sup>2</sup> Para um maior desenvolvimento desta problemática ver: RIBEIRO, Fernanda - Archival Science and changes in the paradigm. *Archival Science : international journal on recorded information*. Dordrecht [etc.]. 1:3 (2001) 295-310.

Francesa e foi largamente disseminado ao longo dos séculos XIX e XX —, destacando-se as bibliotecas e os arquivos nacionais como locais privilegiados para obter essa formação. Tratava-se, acima de tudo, de uma via destinada ao exercício de uma profissão, mais do que a aquisição de saberes tendentes a estimular o estudo e o conhecimento numa dada área disciplinar. Paralelamente a este modelo formativo, existiam também escolas que habilitavam com conhecimentos necessários ao desempenho profissional, podendo eleger-se como exemplo paradigmático desta formação o caso da *École des Chartes*, instituída em Paris em 1821, a qual exerceu uma influência notável em toda a Europa<sup>3</sup>. Fundada inicialmente com o objectivo de proceder à publicação dos "monumentos" escritos da História Nacional, a escola passou a estar ligada à formação dos arquivistas-paleógrafos e dos bibliotecários, a partir de 1846<sup>4</sup>.

A matriz historicista marcou indelevelmente, desde o início, a formação profissional, marca essa que, até aos dias de hoje, tem constituído uma das características, se não predominante, pelo menos bastante acentuada, da maioria dos cursos, especialmente os destinados a preparar arquivistas. A este propósito, Carol Couture, no estudo que empreendeu recentemente sobre a formação e a investigação em Arquivística, baseado em escritos de Frank B. Evans, Marcel Lajeunesse e Terry Eastwood, afirma que *les premières écoles d'archivistique auraient fait leur apparition en Europe à compter de 1821. Les unes proposent une formation résolument axée sur l'érudition historique (ex.: École des Chartes) alors que les autres sont davantage liées à l'administration des archives de l'État (ex.: écoles d'archivistique, de paléographie et de diplomatique régionales italiennes) (...). Mais dans l'ensemble, l'histoire domine largement les programmes d'études et c'est ce modèle de formation qui se répand*

---

<sup>3</sup> Em ligação com os arquivos, um pouco por toda a Europa, havia escolas de Paleografia e Diplomática, em muito semelhantes à *École des Chartes*, como, por exemplo, a *Scuola del Grande Archivio*, em Nápoles (criada em 1811), a *Bayerisches Archivschule München* (1821), o *Institut für Österreichische Geschichtsforschung*, em Viena (1854), a *Escuela de Diplomática de Madrid* (1856), a *Scuola di Paleografia e Diplomatica*, em Florença (1857). Em Portugal, a *Aula de Diplomática*, criada por João Pedro Ribeiro, na Universidade de Coimbra, em 1796, foi transferida para o Arquivo da Torre do Tombo em 1801 (Alvará de 12 de Fevereiro), precisamente porque a sua frequência passou a ser obrigatória para todos os que quisessem tornar-se profissionais dos arquivos.

<sup>4</sup> Sobre a *École Nationale des Chartes* é útil a leitura de: PALLIER, Denis - *École Nationale des Chartes*. In *Dictionnaire encyclopédique de l'information et de la documentation*. Dir. Serge Cacaly. Paris : Nathan, 1997. (Collection «réf.»). p. 207-209.

*pendant plus d'un siècle dans les pays sous influence européenne et en Amérique du Nord*<sup>5</sup>.

Na maioria dos países, a formação de arquivistas e bibliotecários tardou a institucionalizar-se no seio das universidades, mas não deixou de ser assegurada noutras instâncias organizacionais, nomeadamente as associações e as escolas profissionais. Os arquivistas, se bem que, em alguns casos, recebessem formação em comum com os seus colegas bibliotecários, como no caso francês através da *École des Chartes*, em grande parte das situações obtinham o seu treino em organizações distintas, especialmente se se tratava das associações profissionais. Em França, a *Association des Archivistes Français*, mais antiga que a *Association des Bibliothécaires Français (ABF)*, tinha por objectivo assegurar a promoção da profissão de arquivista e ministrava cursos e acções de formação. Nos Estados Unidos, a *Society of American Archivists (SAA)* também desempenhou esse papel, desde a sua fundação em 1936<sup>6</sup>.

Os bibliotecários, inicialmente formados no contexto de instituições/serviços, viram surgir, desde os alvares do século XX, um movimento em prol da formação liderado pelas associações profissionais, promotoras de cursos, essencialmente práticos, onde eram fornecidos os conhecimentos básicos e de actualização para o exercício da actividade profissional. Na Europa, após a criação do Instituto Internacional do Bibliografia (1895), e nos Estados Unidos da América — onde, apesar de já existir, desde 1876, uma importante associação de bibliotecários, a *American Library Association (ALA)*, só nos inícios do século XX e por influência das ideias perfilhadas por Paul Otlet o associativismo ganhou maior incremento — associações profissionais de bibliotecários e documentalistas começam a promover cursos de formação inicial e acções de formação contínua, esforço que se acentua no período entre as duas guerras mundiais. Exemplos desta actividade podemos encontrá-los em França, através de algumas das mais importantes associações profissionais, como é o caso da *ABF*, fundada em 1906, ou no Reino Unido, onde a acção da *Library Association* e da *ASLIB*

---

<sup>5</sup> COUTURE, Carol - *La Formation et la recherche en Archivistique dans le monde: une étude comparative*. Colab. Jocelyne Martineau et Daniel Ducharme. Montréal : École de Bibliothéconomie et des Sciences de l'Information, Université de Montréal, 1999. p. 8. Sobre a formação inicial dos arquivistas, em particular a chamada "tradição europeia" é útil a leitura de: COOK, Michael - Professional training. In *ALA world encyclopedia of library and information sciences*. 2<sup>nd</sup> ed. Chicago : American Library Association, 1986. p. 71-74.

<sup>6</sup> A propósito da actividade da SAA em matéria de formação, ver, por exemplo: DURANTI, Luciana - The Society of American Archivists and graduate archival education: a sneak preview of future directions. *The American Archivist*. Chicago. 63:2 (Fall/Winter 2000) 237-242.

— surgida em 1923 e, de imediato, em aproximação estreita às associações americanas — se desenvolveu de forma idêntica. Também nos Estados Unidos, por via da Special Libraries Association (SLA), estabelecida no seio da American Library Association (ALA)<sup>7</sup> em 1909, e do American Documentation Institut (1937), os cursos de formação profissional de bibliotecários e documentalistas ganham expressão significativa.

A formação "em serviço" ou a que era ministrada pelas associações e escolas profissionais não impediu que, ao nível académico, começasse a surgir formação de arquivistas e bibliotecários, embora, muitas vezes, isso se limitasse a algumas disciplinas específicas integradas em cursos de outras áreas, como era o caso da História, o que se compreende perfeitamente, dado o carácter de "ciência auxiliar" que caracterizou a Arquivística a partir da segunda metade de Oitocentos. Em Itália, por exemplo, o ensino desta disciplina cedo começou a implantar-se na universidade, deixando de estar sob a tutela exclusiva dos arquivos de Estado. Na Universidade de Bolonha, nos finais do século XIX, o professor Carlo Malagola dá o título de "Arquivística" a uma parte das suas lições e, na Faculdade de Jurisprudência da Universidade de Macerata, o professor de Paleografia e Diplomática, Lodovico Zdekauer, é autor de um trabalho intitulado *Nozioni archivistiche generali*, o qual constitui um apêndice ao seu *Schema delle lezioni di paleografia e diplomatica*<sup>8</sup>.

Quanto aos bibliotecários, apesar de, ainda no século XIX, por iniciativa de Melvil Dewey, ter surgido um curso de formação na Universidade de Columbia<sup>9</sup>, o ensino universitário destinado a estes profissionais só começa a ganhar algum incremento a partir de 1926<sup>10</sup> e apenas na década de 40 se pode considerar institucionalizado, quer nos Estados Unidos, quer na Europa.

A partir dos anos 60 do século XX, altura em que se começa a afirmar mais claramente a área da Ciência da Informação, o panorama da formação tende a diversificar-se, os cursos multiplicam-se e os modelos e os *curricula* evoluem rapidamente, não sendo fácil identificar tendências e linhas estruturais estáveis, até porque os contextos sociais, económicos e culturais estão a ser grandemente

---

<sup>7</sup> A associação de bibliotecários americana (ALA) já existia desde 1876.

<sup>8</sup> Ver: SILVA, Armando Malheiro da [et al.] - *Arquivística : teoria e prática de uma ciência da informação*. Porto: Edições Afrontamento, cop. 1998. p. 114-115.

<sup>9</sup> Abriu oficialmente em 1887 na School of Library Economy.

<sup>10</sup> A Universidade de Chicago inicia, em 1926, o primeiro curso a conferir um grau de especialização (Graduate Library School) e, dois anos depois, o primeiro programa de doutoramento.

influenciados pela revolução tecnológica em acelerado crescimento. Aparecem também programas de estudos com a designação expressa de "Ciência da Informação", particularmente nas universidades americanas, embora alguns deles integrados em escolas de Biblioteconomia<sup>11</sup>.

Por um lado, assiste-se ao aparecimento de programas de formação com um carácter generalista, oferecendo um ensino polivalente nos domínios da arquivística, da biblioteconomia e da documentação (ou ciência da informação, termo preferido, sobretudo, nos tempos mais recentes)<sup>12</sup> e, por outro lado, à criação de cursos mais especializados, quer englobando a biblioteconomia (*library science*) e a documentação/ciência da informação (*information science*), quer restritos à área dos arquivos. A este propósito, Yolande Estermann-Wiskott afirma: *L'approche de métier peut amener à une conception différente de la formation. C'est ainsi que, pour certains plans de formation, les aspects plus traditionnels du métier jouent un rôle important, tandis que d'autres cursus se concentrent avant tout sur la gestion de l'information et son transfert ainsi que sur les aspects technologiques*<sup>13</sup>. Trata-se, com efeito, da coexistência de modelos de formação muito tradicionais, veiculando uma perspectiva patrimonialista e historicista — aqui se englobam cursos de Arquivística, vocacionados especialmente para os problemas dos "arquivos históricos", cursos de *library science*

---

<sup>11</sup> É o caso, por exemplo, das universidades de Chicago, Case Western Reserve e Pittsburgh, onde personalidades como Don Swanson, Alan Goldwyn, Robert Hayes ou Harold Borko exercem actividade docente.

<sup>12</sup> Em alguns casos, associa-se ainda a Museologia a esta formação generalista ou mesmo outras áreas com menos afinidades, como aconteceu, durante muitos anos em Espanha, com a Arqueologia. Esta aproximação decorre, naturalmente, da perspectiva patrimonialista que domina a formação e a profissão. José López Yepes traça um breve quadro da evolução da formação em Espanha, o qual denota esta abrangência, até um determinado período (década de 70 do século XX), mas que tende a uma maior especialização, em épocas posteriores, com as tentativas para uma afirmação progressiva da Documentação, como campo disciplinar: (...) *hay que considerar un amplio espectro a partir de la desaparición de la Escuela de Diplomática: la Cátedra de Bibliografía de la Facultad de Filosofía y Letras de la Universidad Complutense de Madrid; La Escuela de Bibliotecarias de la Diputación Provincial de Cataluña, fundada en 1911, cuyos trabajos se han congregado en la citada revista Biblioteconomía; los Cursos de Formación Técnica de Archiveros, Bibliotecarios y Arqueólogos (1952), convertidos, en 1962, en la Escuela de Documentalistas, ambos dependientes de la extinta Dirección General de Archivos y Bibliotecas, con sede en la Biblioteca Nacional; la Escuela de Bibliotecarias de la Universidad de Navarra, en 1968; los Cursos sobre Técnicas de Archivos, Bibliotecas y Documentación organizados por el Fondo para la Investigación Económica y Social, desde 1971, con carácter anual, y otros Cursos o actividades docentes impartidas por diversas instituciones oficiales y privadas con carácter esporádico o permanente* (In: LÓPEZ YEPES, José - *La Documentación como disciplina : teoría e historia*. 2ª ed. actualizada y ampliada. Pamplona : Ediciones Universidade de Navarra, 1995. p. 260-261).

<sup>13</sup> ESTERMANN-WISKOTT, Yolande - Formation en Europe et aux États-Unis. In *Dictionnaire encyclopédique de l'information...* (op. cit.). p. 236-237.

voltados para os problemas da conservação e do património ou, ainda, cursos "mistos" que formam bibliotecários e arquivistas<sup>14</sup> —, e de outros mais direccionados para os problemas técnicos e tecnológicos — cursos em que a componente das ferramentas informáticas, a análise e a avaliação da informação como recurso e as questões do acesso e da recuperação da informação são os traços dominantes — embora sem perder, em grande parte dos casos, a ligação mais ou menos estreita com a Biblioteconomia.

Os anos 70 do século XX são claramente o período que marca a implantação da Ciência da Informação, enquanto área disciplinar, no panorama da formação académica. É a época do surgimento dos cursos, escolas e faculdades de *library and information science* ou de *library and information studies*, correspondendo quer a um redireccionamento e renovação dos *curricula* em instituições de ensino já existentes<sup>15</sup>, quer ao aparecimento de novas realidades com o fim deliberado de implantar uma área de estudo à procura do seu campo próprio.

Nessa tentativa de afirmação, a Ciência da Informação, se por um lado procura cada vez mais criar raízes, demarcar território e desenvolver uma "cultura" científica, ou seja, implantar-se como um campo de saber com identidade própria — e fá-lo também pela via da formação, particularmente, no mundo das universidades —, por outro lado não consegue congrega nessa "luta pelo seu espaço" todas as disciplinas que partilham o mesmo objecto e, por isso mesmo, se situam numa área comum. O desenvolvimento da Ciência da Informação faz-se, nitidamente, com os bibliotecários especializados e os documentalistas mas deixa de fora os arquivistas, pese embora o facto de existirem alguns casos de escolas a ministrar uma formação generalista que se destina aos vários tipos de profissionais.

A separação, mais do que a união, entre bibliotecários (englobando aqui todas as "versões" mais modernas do conceito, *vulgo* documentalistas e *information scientists*) e arquivistas acentuou-se a partir de 1950, não sendo alheio ao facto a criação do Conselho Internacional de Arquivos. Com efeito, o C. I. A. passou a congrega à sua volta, num espaço à escala mundial, uma classe profissional que cada vez mais procurou afirmar a sua identidade, as suas especificidades e um campo de trabalho próprio. Se, em determinados casos, continuou a verificar-se a associação profissional dos

---

<sup>14</sup> É o caso, por exemplo, do Curso de Bibliotecário-Arquivista, instituído na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra em 1935 ou da Escola de Documentalistas de Madrid.

<sup>15</sup> A este propósito, ver, por exemplo: HARBO, Ole - Towards a Danish LIS university. *Journal of Documentation*. London. 56:1 (Jan. 2000) 5-11.

arquivistas com outros grupos afins (bibliotecários, museólogos e até arqueólogos) e a existência de uma formação em conformidade, essa perspectiva mantém-se não porque há um objecto de estudo comum e uma fundamentação teórica subjacente a esse modelo, mas sim porque a visão patrimonialista e historicista continua a dominar e a agrupar uma série de técnicas especializadas ou saberes auxiliares da História<sup>16</sup> para servirem um utilizador erudito que quer ter acesso às "fontes" para os seus estudos. As afinidades entre arquivistas, bibliotecários e outros decorrem, pois, desta valorização dos documentos (em detrimento da informação neles contida) como bens culturais que o conceito de Património passou a abarcar juntamente com outros bens móveis e imóveis, sejam eles quadros, alfaias religiosas, peças etnográficas, medalhas, moedas, etc.

Esta "marginalização" dos arquivistas no processo de desenvolvimento da Ciência da Informação não se verifica com tanta nitidez nos Estados Unidos da América e no Canadá (onde se sente uma forte influência americana, embora matizada de importações francófonas<sup>17</sup>) quanto à contextualização dos cursos de formação<sup>18</sup>. Com efeito, numa primeira fase, cujo início se pode datar de 1938, assiste-se à introdução de disciplinas de Arquivística nas escolas de Biblioteconomia<sup>19</sup>, procurando-se seguir o modelo historicista e patrimonialista europeu, recomendado, aliás, no célebre relatório Bermis<sup>20</sup>, nestes termos: *É o historiador, munido de um treinamento em técnicas arquivísticas, quem ocupa, de forma dominante, o quadro de pessoal dos melhores arquivos europeus. Nós acreditamos que, aqui também, nós devemos dar ênfase à História e à Ciência Política americanas. No entanto, existe o distinto perigo de recair*

---

<sup>16</sup> Daí que fosse comum ver associadas na formação a Paleografia, a Diplomática, a Arquivologia, a Biblioteconomia, a Numismática, a Sigilografia, a Codicologia, a Museografia, etc. quer no âmbito de cursos de História, quer em cursos para arquivistas e bibliotecários, que, na prática, se convertiam em auxiliares dos historiadores.

<sup>17</sup> Luciana Duranti, num artigo dedicada à problemática da formação dos arquivistas, afirma o seguinte: *The choices made in Canada are important because they translate the European dream into reality better than any European country has done so far, and they strike a happy medium between the European tendency to present exaggerated pretensions and the American tendency to demand too little of archival education. This is because the Canadians have been concerned with defining the body of archival knowledge first (...)* - ver: DURANTI, Luciana - The Archival body of knowledge: archival theory, method, and practice, and graduate and continuing education. *Journal of Education for Library and Information Science*. 34:1 (Winter 1993) 21.

<sup>18</sup> Sobre a chamada "tradição norte-americana" no que respeita à formação dos arquivistas, ver: COOK, Michael - Op. cit. e BRITTO, Maria Teresa Navarro de - Cartografia do ensino universitário de Arquivologia nas Américas. In *A Formação do arquivista no Brasil*. Org. José Maria Jardim, Maria Odila Fonseca. Niterói, RJ : Editora da Universidade Federal Fluminense, 1999. p. 9-30.

<sup>19</sup> Segundo Maria Teresa Navarro de Britto, "o primeiro programa oferecido foi o da University of Columbia" (ver: BRITTO, Maria Teresa Navarro de - Op. cit., p. 13).

<sup>20</sup> BERMIS, S. F. - The Training of archivists in the United States. *The American Archivist*. Chicago. 2:3 (1939) 154-161.



sobre os bibliotecários, que não são eruditos, nem críticos da História, o destino dos arquivos<sup>21</sup>. Numa fase posterior, que se situa entre os anos 40 e os anos 60 do século XX, assiste-se a um debate sobre o posicionamento do ensino da Arquivística — onde situar esse ensino, nos departamentos de História ou nas escolas de Biblioteconomia? Os arquivistas T. R. Schellenberg e H. C. Jones e o professor de Biblioteconomia da Universidade de Maryland, John Colson, que alimentaram esse debate, tiveram, na época, posições distintas: o primeiro a favor de uma complementaridade entre a Arquivística e a Biblioteconomia e de objectivos comuns às profissões de bibliotecário e arquivista; o segundo defensor da inserção da Arquivística nos departamentos de História; e o terceiro partidário da integração do ensino da Arquivística nas escolas de Biblioteconomia e Ciência da Informação, com um corpo comum e especializações independentes.

A evolução do ensino da Arquivística nos Estados Unidos foi, na verdade, no sentido de uma progressiva integração nas escolas de Biblioteconomia e Ciência da Informação<sup>22</sup>, embora essa inserção tenha sido mais uma questão logística e de racionalização de recursos, fruto de uma política de ensino economicista a que não é alheia a crise das Universidades verificada a partir dos anos 70, do que o resultado de uma reflexão de carácter teórico e epistemológico, passível de criar uma área científica com carácter unitário, congregadora das diferentes disciplinas que se associavam no mesmo espaço físico universitário.

A par ou no seguimento da implantação deste modelo americano, a partir de 1974 e grandemente estimulado pelo apoio da Unesco, desencadeia-se um movimento em favor da harmonização das formações, que culminou com o Colóquio realizado na Library Association, em Londres, no ano de 1987, organizado pela IFLA, a FID, o CIA e financiado pela própria Unesco<sup>23</sup>.

---

<sup>21</sup> Cit. de: BRITTO, Maria Teresa Navarro de - Op.cit. p. 13.

<sup>22</sup> O estudo empreendido por Carol Couture sobre o ensino e a investigação em Arquivística confirma esta evolução. O autor, a este propósito, afirma: *Progressivement, à compter de 1940, la formation des archivistes change de cadre délaissant les départements d'histoire pour s'inscrire dans les écoles de bibliothéconomie et des sciences de l'information (...). Quelque trente ans plus tard, ce courant prédomine dans la plupart des institutions d'enseignement bien que l'arrimage entre les trois formations (archivistique, bibliothéconomie et sciences de l'information) pose plusieurs problèmes* (cf.: COUTURE, Carol - Op. cit. p. 9).

<sup>23</sup> INTERNATIONAL COLLOQUIUM, London, 1987 - *Harmonisation of education and training programmes for library, information and archival personnel : proceedings...* Ed. By Ian M. Johnson [et al.]. München [etc.] : K. G. Saur, 1989. 2 vol. (IFLA Publications; 49, 50). Sobre o assunto, ver também: COUTURE, Carol - - Op. cit. p. 9-10.

O debate em torno da propaganda harmonização foi acompanhado de alguns estudos relativos à elaboração de programas de ensino. Um primeiro relatório, publicado pela OCDE, da autoria de H. Schur<sup>24</sup> e intitulado *La Formation des spécialistes de l'information pour les années 1970*, põe a tónica sobre a importância de uma formação de base e faz um elenco das matérias consideradas essenciais, nos programas de Ciência da Informação de 45 escolas da América do Norte, agrupando-as em várias categorias: Introdução à Ciência da Informação; Teorias e Aplicações dos Sistemas; Métodos Matemáticos em Ciência da Informação; Organização Informática e Sistemas de Programação; Análise, Indexação, Catalogação; Métodos de Investigação. Na enumeração das matérias constituintes de cada uma das categorias citadas, não há, contudo, nenhuma menção a temas arquivísticos, pelo que se pode concluir que os arquivistas não eram considerados como "especialistas da informação" e que a sua formação continuava, ainda nesta altura, arredada da área da Ciência da Informação.

Por iniciativa da UNESCO e com o patrocínio da FID, também D. J. Foskett promoveu um inquérito sobre os programas de ensino de nível universitário na área da Ciência da Informação e da Biblioteconomia<sup>25</sup>. O estudo baseou-se em programas de formação teórica e prática de 13 países e de 58 estabelecimentos de ensino, tendo revelado uma grande variedade de modelos. Também neste caso se verificou a exclusão da Arquivística da área da Ciência da Informação.

Igualmente por encomenda da UNESCO, W. L. Saunders, director da Escola Superior de Biblioteconomia e Ciências da Informação da Universidade de Sheffield, redige, em 1978, uns *Principes directeurs pour l'élaboration de programmes d'enseignement dans le domaine de l'information*<sup>26</sup>, destinados — de acordo com o prefácio do próprio texto — a servir de guia para as instituições e as pessoas que tivessem a responsabilidade de preparar programas de ensino no domínio da informação, a fim de formar documentalistas, especialistas da informação e bibliotecários, particularmente nos países em desenvolvimento. Estes "princípios" foram

---

<sup>24</sup> SCHUR, H. - *La Formation des spécialistes de l'information pour les années 1970*. Paris : OCDE, 1973.

<sup>25</sup> FOSKETT, D. J. - *NATIS: Preliminary survey of education and training programmes at university level in Information and Library Science*. Paris : Unesco, 1976. (COM.75/WS/34).

<sup>26</sup> SAUNDERS, W. L. - *Principes directeurs pour l'élaboration de programmes d'enseignement dans le domaine de l'information*. Paris : Unesco, 1978. (PGI-78/WS/27).

concebidos para cursos de formação de base, os quais viriam a constituir uma espécie de "tronco comum" para os vários tipos de especialistas.

Os estudos levados a cabo na década de 70, quer com a finalidade de cartografar problemas, quer com o objectivo de propôr modelos formativos<sup>27</sup>, não concretizavam ainda os projectos e as recomendações dos encontros internacionais que convergiam para a chamada harmonização dos programas de ensino, pois era evidente a marginalização da Arquivística. Contudo, no final dessa década e nos anos subsequentes, ocorre uma mudança de perspectiva, pelo menos em termos de intenção. Este facto é perceptível, por exemplo, nos trabalhos desenvolvidos no âmbito do Programa Geral de Informação, patrocinado pela UNESCO: em 1979, Michael Cook e Bruno Delmas elaboram dois relatórios sobre a formação dos arquivistas e as possibilidades de harmonização de programas de ensino<sup>28</sup>; no ano seguinte é editado o relatório final do encontro realizado em Paris também em 1979<sup>29</sup> e dedicado ao problema da harmonização dos programas de formação para arquivistas; em 1982, é designado novamente Michael Cook, para elaborar princípios orientadores para a concepção de *curricula* destinados a arquivistas<sup>30</sup>, sendo já notória a aproximação com o "mundo da informação", ou seja, da Ciência da Informação, se quisermos ver o problema de um ponto de vista epistemológico. Esta perspectiva é mais claramente assumida pelo mesmo autor alguns anos depois, quando elabora os conhecidos *Guidelines on curriculum development in information technology for librarians, documentalists and archivists*<sup>31</sup>.

O debate, os estudos e as resoluções da UNESCO em prol da harmonização das formações, apesar de terem congregado esforços vários a nível internacional — até porque, em primeira instância, essa harmonização era justificada pelo facto de "permitir evitar a duplicação de recursos e de infraestruturas"<sup>32</sup> —, não surtiram efeitos práticos

---

<sup>27</sup> Sobre este assunto ver um maior desenvolvimento em: SAUNDERS, W. L. - *Op. cit.*, p. 21-29.

<sup>28</sup> COOK, Michael - *The Education and training of archivists : status report of archival training programmes and assessment of manpower needs*. Paris : Unesco, 1979. (PGI-79/CONF.604/COL.2); DELMAS, Bruno - *The Training of archivists : analysis of the study programmes of different countries and thoughts on the possibilities of harmonisation*. Paris : Unesco, 1979. (PGI-79/CONF.604/COL.1).

<sup>29</sup> MEETING OF EXPERTS ON THE HARMONISATION OF ARCHIVAL TRAINING PROGRAMMES, Paris, 1979 - *Final report*. Paris : Unesco, 1980. (PGI-79/CONF.604/COL:7).

<sup>30</sup> COOK, Michael - *Guidelines for curriculum development in records management and the administration of modern archives : a RAMP study*. Paris : Unesco, 1982. (PGI-82/WS/16).

<sup>31</sup> COOK, Michael - *Guidelines on curriculum development in information technology for librarians, documentalists and archivists*. Paris : Unesco, 1986. (PGI-86/WS/26).

<sup>32</sup> Cf.: COUTURE, Carol - *Op. cit.* p. 9.

relevantes. Carol Couture afirma mesmo que *malgré toute l'énergie déployée autour du concept de l'harmonisation et malgré la création de deux écoles "harmonisées", l'une au Sénégal, l'autre au Ghana, il faut reconnaître que ce concept a été fort peu appliqué et que le bilan des organismes initiateurs compte bien davantage de publications que d'actions concrètes*<sup>33</sup>. No caso da Arquivística parece mesmo que a tendência para a harmonização se atenuou em finais da década de 80, surgindo uma corrente defensora da autonomia disciplinar e da procura de uma identidade profissional específica<sup>34</sup>. Esta visão vai-se acentuando progressivamente e aponta cada vez mais no sentido de uma especialização da formação, justificada pela diversificação das tarefas cometidas ao arquivista<sup>35</sup>.

Seguindo ainda o estudo empreendido por Carol Couture, parece poder concluir-se que, não há consenso, entre os arquivistas e as suas escolas, sobre o(s) modelo(s) de formação. O autor identifica várias tendências, diversos tipos de propostas curriculares, umas mais dirigidas para a especialização — sinónimo de procura de identidade para a Arquivística —, outras mais favoráveis à integração em cursos de Ciência(s) de Informação<sup>36</sup>.

A manutenção da dicotomia Arquivística / Ciência da Informação é ainda estimulada pelo forte papel que as associações profissionais desempenham em matéria de formação. Em muitos países, caso por exemplo do Reino Unido ou dos Estados Unidos da América, são as associações profissionais que acreditam os cursos e, conseqüentemente, conferem a credencial que habilita para o exercício da profissão de arquivista, bibliotecário, documentalista, gestor de informação ou algo equivalente. Esta subordinação efectiva das entidades responsáveis pela formação, designadamente as

---

<sup>33</sup> COUTURE, Carol - *Op. cit.* p. 10.

<sup>34</sup> Esta foi a posição defendida, por exemplo, pela conhecida arquivista alemã, Angelika Menne-Haritz, no Congresso Internacional de Arquivos, que teve lugar em Montréal, em 1992 (cf.: MENNE-HARITZ, Angelika - *Archival education: preparing the profession to meet the needs of society in the twenty-first century. Archivum.* Munchen ; Paris. 39 (1994) 261-283), e também por Luciana Duranti na intervenção apresentada na Mid-Atlantic Region Archives Conference, no mesmo ano (cf.: DURANTI, Luciana - *The Archival body of knowledge (op. cit.)* 8-24).

<sup>35</sup> Veja-se o trabalho de GUYOT-JEANNIN, Oliver - *Formation et qualification professionnelle de l'archiviste spécialisé. Janus.* Paris. 2 (1992) 197-202. O autor defende que, num contexto de crescimento e de diversificação das tarefas, a questão da especialização da Arquivística se coloca com insistência e enumera quatro formas de especialização possíveis: por tipo de actividades, por tipo de documentos, por tipo de fundos e por tipo de suportes documentais. Esta visão extremamente instrumental é, do ponto de vista teórico, de uma debilidade notória.

<sup>36</sup> Cf.: COUTURE, Carol - *Op. cit.* p. 11-17. Sobre as tendências actuais da formação arquivística, ver também: *The American Archivist.* Chicago. 63:2 (Fall/Winter 2000).

universidades, aos interesses profissionais e corporativos e à lógica do mercado, origina, naturalmente, perversões no que toca aos modelos formativos. Assiste-se à situação paradoxal de serem as associações a "dar instruções" e a estabelecer princípios orientadores para o desenvolvimento dos planos curriculares, aos vários níveis dos estudos<sup>37</sup>. É caso para se perguntar: com base em quê? com que fundamentação teórica e epistemológica? atendendo às necessidades do mercado, apenas? nesta lógica, qual o papel da investigação? como se chega à produção de um conhecimento científico?

Perguntas certamente incómodas e pertinentes se conduzirem a uma reflexão séria sobre o problema e levarem ao reconhecimento de que, afinal, de nada serve reclamar um estatuto de ciência para a Arquivística ou para a própria Ciência da Informação se o consenso científico em torno desta(s) área(s) não existe e é a prática/técnica empírica que continua a ditar os fundamentos disciplinares.

## **2. A mudança de paradigma e a construção da Ciência da Informação**

O paradigma histórico-tecnicista e custodial evidencia, sobretudo desde a década de oitenta do século XX, sintomas de nítida crise por efeito óbvio da génese e do desenvolvimento da Sociedade da Informação, que o sociólogo David Lyon considera ser algo mais do que *um pós-industrialismo reciclado* pelo impacte sócio-económico e cultural das novas tecnologias da informação (micro-electrónica e informática)<sup>38</sup>. Inclui também a análise das consequências cada vez mais sentidas nas práticas arquivística e biblioteconómica.

Sublinhamos o termo práticas porque ele foi usado por Yves Le Coadic, ao considerar que a biblioteconomia ou "ciência das bibliotecas", a arquivística ou "ciência dos arquivos", a museologia ou "ciência do museu" e a "ciência dos media, da

---

<sup>37</sup> Nos Estados Unidos da América, a partir de 1985, a ALA passou a ser o organismo acreditador dos cursos de *Information Science*, embora já desde 1972 incluísse, nos seus *Standards for accreditation*, a ciência da informação como uma componente essencial dos programas de *Library Science*.

No que respeita à formação dos arquivistas, refiram-se, a título de exemplo, os seguintes textos: Society of American Archivists guidelines for graduate archival education programs. *The American Archivist*. Chicago. 51 (Summer 1988); ASSOCIATION OF CANADIAN ARCHIVISTS - *Guidelines for the development of a two-year curriculum for a master of archival studies*. Ottawa : A. C. A., 1990; SOCIETY OF AMERICAN ARCHIVISTS - *Guidelines for the development of a curriculum for a master of archival studies degree*. Chicago : S. A. A., 1994.

<sup>38</sup> Cf.: LYON, David - *A Sociedade de informação*. Oeiras : Celta Editora, 1992. p. 8-9.

comunicação" mais não são que meras *pratiques empiriques d'organisation*<sup>39</sup>. Práticas visivelmente transformadas pelas Tecnologias da Informação (TI) a ponto de, hoje, ser observável um paradoxal confronto/simbiose entre a atitude documentalista e a percepção informacional.

Note-se que a ideia duradoira, estática e unidimensional de documentação (mensagens em suporte papel) começou a ser directamente abalada a partir dos finais do século XIX com a fotografia, a telegrafia sem fios, o cinema e a radiofonia, mas só a generalização do microfilme após a Segunda Guerra Mundial, o nascimento e rápida difusão da televisão e a posterior emergência das TI viriam a desferir-lhe um golpe que nos parece fatal. As novas tecnologias e a sua interacção dinâmica com as tecnologias precedentes trouxeram para primeiro plano um fenómeno/processo social tão antigo como o próprio Homem e durante séculos "ocultado" pelo suporte material das palavras e das imagens. Deu-se, pois, a plena "aparição" da informação social facilmente transferível de um suporte para outro e até simultaneamente circulável em todos eles.

Anuncia-se e perfila-se, pois, a "transparência" total do documento e, conseqüentemente, a visibilidade da sua "essência" constitutiva — a informação —, porquanto se percebe cada vez melhor que não há documento sem informação, mas sim o inverso, ou seja, informação para além do documento (suporte material externo), sendo este, afinal, um mero epifenómeno daquela. Mas o que é então a informação, de que se fala como se fosse uma “descoberta” dos dias de hoje?

Do uso dado ao termo por autores de diversos quadrantes e formações infere-se uma polissemia vasta e confusa<sup>40</sup> que exige clarificações urgentes, discutíveis, mas incontornáveis. Avançamos, pois, com a definição que assumimos e de que partimos para ulteriores teorizações: **informação social é o conjunto estruturado de representações codificadas (símbolos, significantes) socialmente contextualizadas e passíveis de serem registadas num qualquer suporte material (papel, filme, disco magnético, óptico, etc.) e/ou comunicadas em tempos e espaços diferentes**<sup>41</sup>.

---

<sup>39</sup> Cf.: LE COADIC, Yves-François - Science de l'information. In *Dictionnaire encyclopédique de l'information et de la documentation*. Dir. Serge Cacaly. Paris : Nathan, 1997. (Collection «réf.»). p. 517.

<sup>40</sup> Ver sobre este aspecto o comentário de SILVA, Armando B. Malheiro da - Arquivística e cultura popular. Algumas notas sobre o binómio Informação e Cultura. In *Cultura Popular : actas do Congresso realizado no Forum da Maia*. Maia : Câmara Municipal, 2000. p. 75-76.

<sup>41</sup> Definição inserida no livro já referido *A Ciência da Informação: ensaio de epistemologia para um novo modelo curricular*.

Desta proposta de definição ressalta, de imediato, a importância da linguagem (capacidade de articular ideias, sons e signos) e do código (a língua falada e escrita, a notação numérica, o desenho, etc.) que são a base "coisificadora" da informação e a "substancializam" como fenómeno social. Este emerge da língua e da linguagem, confunde-se com discurso e texto e encerra propriedades intrínsecas essenciais. A enunciação de tais propriedades, apesar de constitui um passo decisivo e gerador de profícua controvérsia<sup>42</sup>, é imprescindível para se avançar na compreensão do novo paradigma emergente. Completemos, então, a definição acima apresentada com o enunciado das propriedades da informação, formalizadas como uma axiomática geral:

(1) estruturação pela acção (humana e social) — o acto individual e/ou colectivo funda e modela estruturalmente;

(2) integração dinâmica — dupla e simultânea implicação do acto informacional nas circunstâncias internas e externas do sujeito da acção;

(3) pregnância — enunciação (máxima ou mínima) de sentido activo (*i. e.*, da acção fundadora);

(4) quantificação — a codificação linguística, numérica ou gráfica é valorável quantitativamente;

(5) reprodutividade — a codificação é reprodutível sem limite, possibilitando, assim, a retenção/memorização;

(6) transmissibilidade — a (re)produção informacional é potencialmente transmissível ou comunicável.

Estas seis propriedades e, em particular, as duas últimas matizam a informação não apenas como fenómeno, mas como processo, inscrevendo-se nesta dimensão a noção de comportamento e respectivo conjunto de "etapas" em espiral — criação, difusão, organização, armazenamento, pesquisa e uso. A informação preenche, pois, o núcleo (mono e transdisciplinar) de um campo científico próprio vivificado por uma dinâmica e estreita interdisciplinaridade (ver diagrama no Anexo 1<sup>43</sup>).

A centralidade da informação social como objecto (e não apenas como fonte, aspecto recorrente demasiado redutor...) de conhecimento tem implicações epistemológicas profundas, vastas e até imprevisíveis. A principal é a instauração de um

---

<sup>42</sup> Empregamos aqui o conceito como foi analisado por GIORELO, Giulio - Progresso pelo conflito: as controvérsias científicas. *Análise: publicação semestral de Filosofia*. Lisboa. 1:2 (1984) 181-198.

<sup>43</sup> O diagrama do campo científico da Ciência da Informação (Anexo 1) integra também o já referido livro *A Ciência da Informação: ensaio de epistemologia para um novo modelo curricular*.

novo paradigma que designamos por *científico-informacional*<sup>44</sup>, e que resulta, em termos de processo histórico geral, dos múltiplos efeitos da chamada pós-industrialização e do impacto não apenas económico, mas político, sócio-cultural e simbólico da globalização em curso. Um paradigma marcado pelos seguintes traços essenciais:

a) valorização da informação (fenómeno/processo humano e social), residindo nela e não no suporte (material externo ao sujeito) a sua própria historicidade (orgânico-contextual) e a sua riqueza patrimonial/cultural;

b) afirmação do incessante e natural dinamismo informacional oposto ao imobilismo documental, traduzindo-se aquele no trinómio criação-selecção natural-acesso/uso e o segundo na antinomia artificial "vida" efémera - permanência/conservação;

c) impossibilidade de manter a compartimentação documentalista da informação pelo espaço institucional e tecnológico onde se conserva (serviço de arquivo, serviço de biblioteca e sistema informático/*software* de computador), porque este critério é superficial e não abrange o dinâmico contexto de produção (organicidade), de retenção/memória e de uso/consumo (funcionalidade);

d) necessidade de conhecer (indagar, compreender e explicitar) a informação social através de modelos teórico-científicos cada vez mais exigentes e eficazes em vez do universo rudimentar e fechado da prática informacional empírica composta por um conjunto uniforme e acrítico de modos/regras de fazer, de procedimentos só aparentemente "assépticos" ou "objectivos" de criação, classificação, ordenação e recuperação;

e) substituição da lógica instrumental patente nas expressões "gestão de documentos" e "gestão da informação" pela lógica científico-compreensiva da informação na gestão, isto é, a informação social está implicada no processo de gestão de qualquer entidade organizacional e assim sendo as práticas/procedimentos informacionais decorrem e articulam-se com as concepções e práticas dos gestores e actores e com a estrutura e cultura organizacionais, devendo o arquivista ou até o documentalista, em vez de estabelecer ou impôr regras operativas, compreender o sentido de tais práticas, como se exige, por exemplo, a um sociólogo das organizações,

---

<sup>44</sup> Para um maior desenvolvimento desta problemática ver, de novo: RIBEIRO, Fernanda - Archival Science and changes in the paradigm (op. cit.).



e apresentar dentro de certos modelos teóricos as soluções (retro ou) prospectivas mais adequadas.

Confrontadas com este paradigma emergente as referidas "práticas empíricas de organização" (arquivística e biblioteconómica), na expressão de Le Coadic, não podem subsistir por muito mais tempo artificialmente autonomizadas e disfarçadas de "científicas", tendo, por isso, que ser (re)enquadradas epistemologicamente de um modo sério e consistente, que não passa já pela anacrónica, redutora e frágil "teoria" da documentação, mas antes pelo aprofundamento crítico do debate sobre a natureza e evolução da Ciência da Informação, assumida no singular e não num plural fragmentado e avulso que, à letra, exclui deste campo científico uma matriz unitária e transdisciplinar.

A enunciação das propriedades e a caracterização interna do objecto Informação não são, ainda, suficientes para afirmarmos de forma categórica a existência de um campo científico com identidade própria e fronteiras definidas. Há que prolongar e aprofundar o debate epistemológico retomando e desenvolvendo um pouco mais quer o binómio objectividade/subjectividade, quer a inserção da Informação social no domínio mais alargado e difuso das ciências humanas e sociais (ver diagrama no Anexo 1).

Uma inserção óbvia porque o conhecimento historiográfico, sociológico, etnográfico ou antropológico não se faz sem a mediação informacional — as representações do presente e do passado que o "espelham" e (des)focam. E, por outro lado, a informação carece de ser estudada por um *corpus* disciplinar específico subsumido pela actual *information science* tanto ao nível da conceptualização e da problematização teórico-prática, como no prosseguimento do trabalho empírico e ancestral de recolha, organização e difusão de informação, trabalho esse que assume contornos metodológicos nas Ciências Sociais e, em particular, na História. Aliás, a posição singular da ciência histórica<sup>45</sup>, no conjunto das demais disciplinas congéneres emergentes ao longo do século XIX, conferiu-lhe um papel de charneira entre as ditas Ciências Sociais e as Humanidades, ou seja, entre um modelo de saber sistemático,

---

<sup>45</sup> COMISSÃO GULBENKIAN SOBRE A REESTRUTURAÇÃO DAS CIÊNCIAS SOCIAIS - *Para abrir as ciências sociais : relatório*. Mem Martins : Publicações Europa-América, 1996. p. 25, 32-33.

nomotético (capaz de buscar as leis universais) e secular à cerca da realidade, de algum modo validado empiricamente, e um saber filosófico, ideográfico e literário<sup>46</sup>.

Não basta, também, reconhecer a importância actual da Informação para se fundar a legitimidade metodológica e institucional da disciplina especializada no seu estudo<sup>47</sup>. Urge, sobretudo, reflectir epistemologicamente sobre ela dentro do quadro mais vasto das características da ciência moderna e do seu emergente inverso — o paradigma pós-moderno<sup>48</sup>. Daí decorrem questões essenciais como: a existência ou não de objectividade no estudo científico da informação; a inclusão ou exclusão do fenómeno informação no domínio dos "fenómenos imprecisos e conceitos vagos" (frequentes no campo das ciências humanas)<sup>49</sup>; a contextualização sistémica da informação e a natureza das relações (multidisciplinares, interdisciplinares ou transdisciplinares?) que têm sido estabelecidas entre as principais disciplinas circunscritas ao chamado "tratamento da informação" — a Biblioteconomia e a Arquivística —, as ciências sociais predominantes — a História, a Economia, a Sociologia, a Antropologia e a Ciência Política — e o Direito e a Ciência da Administração<sup>50</sup>.

Não cabendo, obviamente, aqui um desenvolvimento das questões enunciadas, urge, contudo, abrir caminho para reflexão e assumir uma perspectiva "optimista" sobre a possibilidade pós-paradigmática e minimamente consensual da Ciência da Informação, fundada num *corpus* transdisciplinar e unitário, mas aberto a múltiplas e diversas relações interdisciplinares.

---

<sup>46</sup> Uma posição singular e mista discutida, a propósito da História Política, em livro recente de BONIFÁCIO, Maria de Fátima - *Apologia da história política*. Lisboa : Quetzal, 1998. p. 17-129.

<sup>47</sup> Embora não caiba aqui um desenvolvimento sobre as questões metodológicas, remetemos para um texto onde tal problemática é abordada com maior pormenorização, a saber: SILVA, Armando Malheiro da; RIBEIRO, Fernanda - *A Avaliação em Arquivística : reformulação teórico-prática de uma operação metodológica*. *Páginas a&b*. Lisboa. 5 (2000) 57-113.

<sup>48</sup> Seguimos, nos seus traços essenciais, a abordagem de: SANTOS, Boaventura de Sousa - *Um Discurso sobre as ciências*. Porto : Edições Afrontamento, 1987; e SANTOS, Boaventura de Sousa - *Introdução a uma ciência pós-moderna*. Porto : Edições Afrontamento, 1989. Ver, também, a reflexão de: BOURDIEU, Pierre - *Meditações pascalianas*. Oeiras : Celta Editora, 1998. p. 79-111.

<sup>49</sup> A expressão é de: MOLES, Abraham; ROHMER, Elisabeth - *As Ciências do impreciso*. Porto : Edições Afrontamento, 1989. A questão formulada inspira-se na pesquisa que estes autores resumiram na obra citada.

<sup>50</sup> Sobre esta ciência, ver: CHEVALIER, Jacques; LOCHAK, Danièle - *La Science administrative*. Paris : PUF, 1987; CAUPERS, João - *A Administração periférica do Estado : estudo de ciência da administração*. Lisboa : Editorial Notícias, 1994. p. 15 e seg. (dissertação de doutoramento em Ciências Jurídico-Políticas na Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa).

### 3. Um novo modelo formativo: o caso da Licenciatura em Ciência da Informação da Universidade do Porto

Partindo da perspectiva epistemológica brevemente enunciada, importa agora perceber como pode ela ser coerentemente plasmada num modelo de formação científico-profissional que inclua a valência unitária ou *core* essencial da Ciência da Informação e, simultaneamente, preserve os contributos pluri e interdisciplinares indispensáveis ao perfil do profissional da informação do século XXI. Este modelo concretiza-se através do caso do Curso de Licenciatura em Ciência da Informação, recentemente criado na Universidade do Porto<sup>51</sup> e cujo plano de estudos (ver Anexo 2) é o resultado da reflexão teórica e epistemológica levada a cabo precisamente para dar fundamento à revisão curricular que desde há muito se fazia sentir como necessária, uma vez que o Curso de Especialização em Ciências Documentais, em vigor na Faculdade de Letras da Universidade do Porto desde 1985, apresentava lacunas, inconsistências teóricas e desajustamentos notórios para responder aos desafios da Sociedade da Informação em que os profissionais nele formados se têm de inserir<sup>52</sup>.

Nesta linha, o *design* curricular que se apresenta e se discute visa, antes de mais, anular as separações artificiais que se verificam na formação em vigor em Portugal, através de “opções” de Arquivo e de Biblioteca e Documentação, em que, por exemplo, operações de representação da informação (como a descrição ou a classificação) são espartilhadas por disciplinas distintas consoante se trate dos arquivos ou das bibliotecas. Sem uma base epistemológica e teórica consistente, a afirmação de uma pseudo-identidade destas várias disciplinas é um logro que conduzirá, forçosamente, os profissionais para um caminho sem retorno. O tecnicismo apurado dificilmente

---

<sup>51</sup> Este curso, aprovado por uma resolução do Senado da Universidade do Porto, de 21 de Março de 2001 (publicada em: *Diário do Governo*. 2ª série. 131 (6 Jun. 2001) 9.576), é ministrado conjuntamente pela Faculdade de Letras e pela Faculdade de Engenharia; entrou em funcionamento no ano lectivo de 2001-2002, com um *numerus clausus* de 30 alunos e, neste primeiro ano, além de docentes das duas faculdades responsáveis pelo curso, integra também docentes de outras escolas da Universidade do Porto (Faculdade de Economia, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação e Escola de Gestão do Porto).

<sup>52</sup> Já em 1995, aquando das comemorações do 10º aniversário da criação do Curso de Especialização em Ciências Documentais, da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, teve lugar uma mesa-redonda para reflexão e debate em torno dos modelos de formação profissional, na qual se considerou urgente a reforma do curso em vigor. As intervenções proferidas nesse encontro foram publicadas em: *Formação profissional na área BAD : mesa-redonda organizada pelo Curso de Especialização em Ciências Documentais da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*. Porto : F.L.U.P., 1996.

sobreviverá sem o suporte de um conhecimento adequado do fenómeno informacional que socialmente nos envolve.

Em alternativa aos cursos especializados em Arquivística ou *Information Science*, nos últimos anos, algumas escolas que enveredaram por uma formação mais integrada/harmonizada fizeram-no com o propósito de formar uma “nova” categoria de profissionais — os chamados gestores de informação. A verdade, porém, é que tal modelo também não conseguiu superar o paradigma tecnicista e documental que enfatiza a função serviço e todos os procedimentos inerentes ao acesso à informação, em detrimento de um conhecimento científico da própria informação<sup>53</sup>.

A perspectiva unitária que defendemos procura também fazer a síntese com a área dos chamados Sistemas (Tecnológicos) de Informação (SI), que vem ensaiando uma progressiva autonomização face à Informática e Computação tradicionais, tendo como campo de trabalho e profissionalização as Organizações em geral. Debruçando-se sobre o mesmo objecto de estudo — a Informação — que os arquivistas e os bibliotecários, os peritos em SI adquirem a sua formação em escolas de Engenharia ou de Gestão, num divórcio total face aos seus “irmãos” ditos da Documentação e geralmente treinados em cursos de pendor humanístico. O afastamento decorrente do percurso trilhado por uns e outros no passado traduz-se, hoje, num défice de formação de cada uma das partes: os especialistas em SI, com preocupações essencialmente pragmáticas e embuídos de um forte empirismo, centram-se quase exclusivamente nos fluxos da informação e no *design* de bases de dados e de outros sistemas de armazenamento e recuperação da informação, adequados à realidade das Organizações, aspectos que apenas contemplam uma parcela do fenómeno/processo informacional; os especialistas da Documentação (sejam eles arquivistas, bibliotecários ou gestores de informação) debruçam-se sobre os aspectos técnicos da organização e representação da informação (*vulgo* Tratamento Documental) e os consequentes procedimentos propiciadores da difusão e do acesso à mesma, mas sentem uma grave lacuna na sua formação, no que respeita ao conhecimento, uso e domínio das tecnologias que são cada vez mais indissociáveis da própria Informação.

---

<sup>53</sup> Esta inconsequência é, em alguns países — o caso de Espanha é assaz sintomático —, resultado, também, da impossibilidade de implantar o campo científico da Informação num “terreno” fortemente cobiçado e ocupado por outras disciplinas como é o caso da Comunicação. A tentativa de afirmação surge, pois, de uma forma epistemologicamente débil e cientificamente discutível, através do reforço da Documentação.

O modelo que perfilhamos, em consonância com a fundamentação teórica e epistemológica antes apresentada, congrega no seio da área científica nuclear – a da **Ciência da Informação** – um conjunto de disciplinas que, por um lado, asseguram uma componente teórica e metodológica una e, por outro, contemplam as vertentes aplicadas desta área do saber, com as suas especificidades particulares.

Nesta perspectiva, as matérias relativas à teoria e metodologias de investigação, à análise de sistemas, aos aspectos (técnicos) mais diversos de organização e representação da informação, ao armazenamento e recuperação, ao comportamento informacional, à própria Sociedade da Informação surgem, naturalmente, concentradas em disciplinas nucleares e obrigatórias. A par delas, mas ainda dentro da mesma área científica, não deixam de existir disciplinas que atentam nas especificidades dos diversos tipos de sistemas de informação (arquivos, bibliotecas ou sistemas tecnológicos de recuperação da informação), direccionadas, por isso, para as componentes aplicadas da própria Ciência da Informação. O estudo da evolução dos Sistemas de Informação Arquivo e Biblioteca, diferenciados, à luz da teoria sistémica, pelo seu carácter organizado ou operatório (caso dos Arquivos e das Bibliotecas Especializadas) ou pelo seu carácter combinatório (de que são exemplo as Bibliotecas Públicas) é indispensável ao conhecimento dos diferentes tipos de sistemas e das respectivas especificidades<sup>54</sup>.

Este “núcleo duro” do *curriculum* está, necessariamente, aberto à interdisciplinaridade. O diagrama que apresentamos no Anexo 1 ilustra as relações mais ou menos próximas da Ciência da Informação com outras áreas do saber, relações essas que se exprimem no plano curricular mediante a presença de disciplinas variadas, com carácter de obrigatoriedade umas, de opção outras, mas sempre complementando as matérias da área científica nuclear.

Enunciemos, apenas, alguns exemplos das componentes curriculares que integram o plano de estudos com um amplo carácter interdisciplinar.

Do campo vasto das **Ciências Sociais e Humanas** é imprescindível o conhecimento histórico das instituições (em particular as da administração pública, central e municipal) e das práticas culturais, o apoio instrumental da Paleografia e da Diplomática, o contributo da Filosofia em matérias como a Epistemologia e a Lógica, o

---

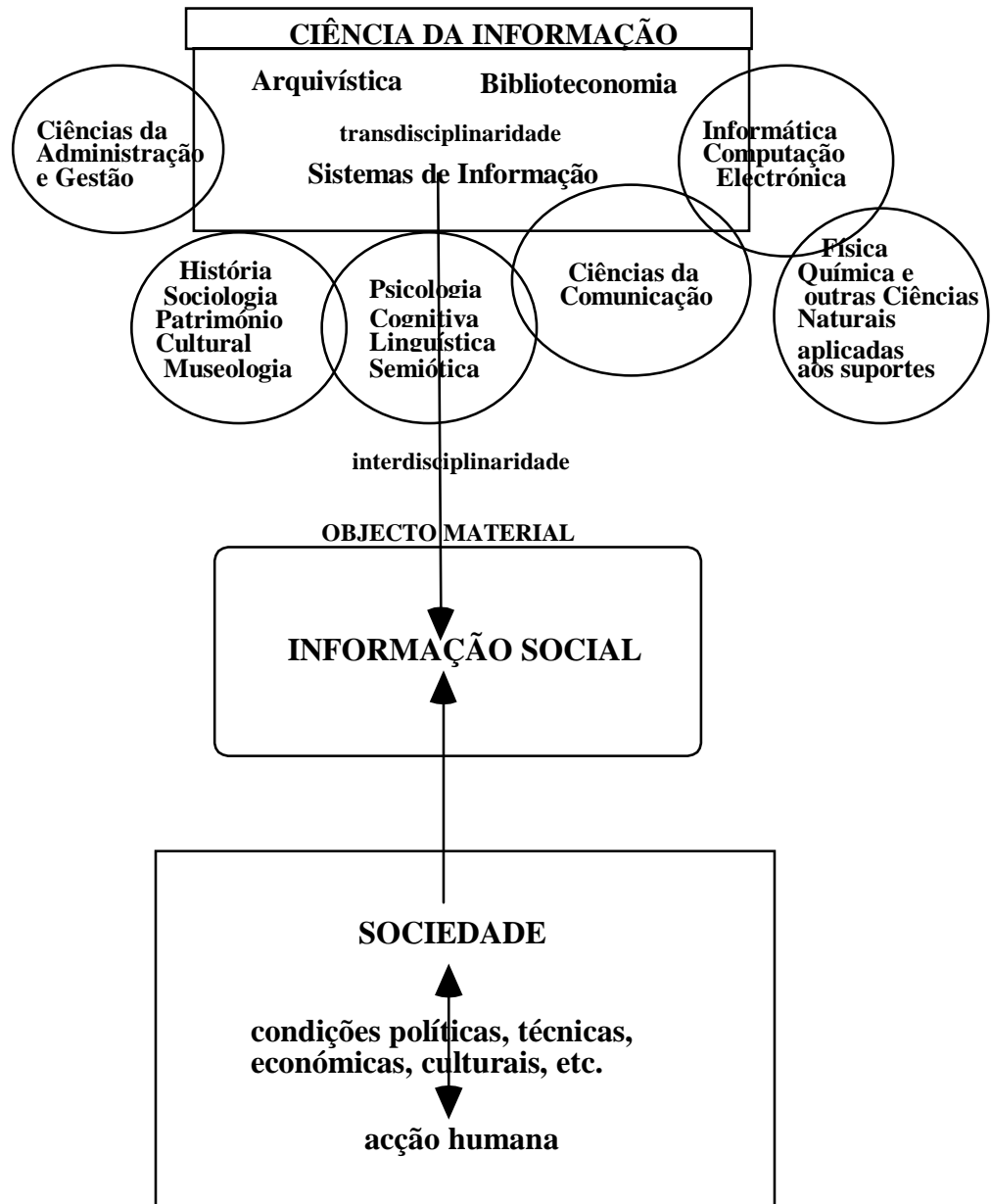
<sup>54</sup> Sobre a teoria e o pensamento sistémico que enformam a nossa perspectiva epistemológica, ver: MELLA, Piero - *Dai Sistemi al pensiero sistemico: per capire i sistemi e pensare con i sistemi*. Milano : Franco Agnelli, 1997.

uso instrumental da língua e a Linguística como elementos fundamentais da comunicação, a vertente sociológica relacionada com as Organizações. Da área da **Informática** e da **Computação**, é essencial o estudo das redes e sistemas computacionais, e em particular o domínio de ferramentas operativas básicas (do tipo Office e manejo da Internet). A relação com as ciências da **Administração** e da **Gestão**, englobando um espectro largo que inclui o Direito, manifesta-se pela presença de cadeiras de Gestão e de Contabilidade, de Direito Administrativo e Direito da Informação.

O modelo formativo aqui exposto pretende, sobretudo, mostrar como concebemos a transposição de uma fundamentação epistemológica desenvolvida a montante para a estruturação curricular do curso. Não se discute, como questão de princípio, o nível a que a formação do cientista/profissional da Informação deverá ser implementada, embora se tenha optado, deliberadamente por uma formação de base, ao nível da licenciatura – que futuramente será aprofundada em cursos de pós-graduação (mestrado e doutoramento) – dado que a pluralidade de saberes envolvidos no modelo formativo apresentado dificilmente seria compatível com cursos de curta duração destinados a fornecer uma formação inicial. Além disso, considera-se que já há “espessura” científica na Ciência da Informação para justificar, por um lado, os vários graus de ensino, passíveis de propiciar uma formação profissionalizante com o necessário complemento de aplicações práticas (estágios) e, por outro, o desenvolvimento da vertente de investigação, indispensável à formação dos próprios formadores e à consolidação científica desta área do saber.

# ANEXO 1

## DIAGRAMA DO CAMPO CIENTÍFICO DA



## ANEXO 2

### LICENCIATURA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO ministrada conjuntamente pelas faculdades de Letras e de Engenharia da Universidade do Porto

#### Plano de estudos

##### Áreas científicas nucleares:

- Sistemas de Informação (SIST)
- Organização e Processamento de Informação (OPI)
- Serviços de Informação (SERV)

##### Áreas científicas complementares:

- Ciências da Administração e da Gestão (CAG)
- Ciências Sociais e Humanas (CSH)
- Informática (I)

#### 1º Ano

1º Semestre	Área científica	Unidades de crédito	ECTS <sup>55</sup>	2º Semestre	Área científica	Unidades de crédito	ECTS
Informática Básica	I	3	6	Sistemas Computacionais e de Comunicação	I	3	6
Lógica	CSH	2,5	5	Técnicas de Expressão e Comunicação	CSH	3	6
História da Cultura I	CSH	4	8	História da Cultura II	CSH	4	8
Metodologia da Investigação	CSH	2,5	5	Linguística	CSH	2,5	5
Fundamentos de Gestão	CAG	3	6	Sociologia das Organizações	CSH	2,5	5

#### 2º Ano

1º Semestre	Área científica	Unidades de crédito	ECTS	2º Semestre	Área científica	Unidades de crédito	ECTS
Teoria e Metodologia da Ciência da Informação	SIST	4	8	Organização e Representação da Informação I	OPI	3	6
Gestão da Informação	SERV	3	6	Comportamento Informacional	SERV	2,5	5
Sistemas de Arquivo e de Biblioteca	SIST	2,5	5	Paleografia	CSH	3	6
História da Administração	CSH	2,5	5	História da Administração	CSH	2,5	5

<sup>55</sup> Sistema europeu de unidades de crédito.



Pública I				Pública II			
Informação para a Internet	I	3	6	Direito Administrativo	CAG	4	8

3º Ano

1º Semestre	Área científica	Unidades de crédito	ECTS	2º Semestre	Área científica	Unidades de crédito	ECTS
Armazenamento e Recuperação da Informação I	OPI	3	6	Armazenamento e Recuperação da Informação II	OPI	3	6
Análise de Sistemas de Informação I	SIST	3	6	Análise de Sistemas de Informação II	SIST	3	6
Organização e Representação da Informação II	OPI	3	6	Gestão de Serviços de Informação	SERV	3	6
Fontes de Informação e Serviços de Referência	SERV	3	6	Sistemas de Apoio à Decisão	CAG	3	6
Opção		3	6	Opção		3	6

4º Ano

1º Semestre	Área científica	Unidades de crédito	ECTS	2º Semestre	Área científica	Unidades de crédito	ECTS
Direito da Informação	CAG	4	8	Estágio		14	28
Sociedade da Informação	CSH	2,5	5	Seminário		1	2
Arquivos e Bibliotecas Digitais	SERV	3	6				
Ação Cultural e Educativa	CSH	2,5	5				
Opção		3	6				

**Disciplinas de opção recomendadas:**

Bases de Dados (I)  
 Bibliotecas Escolares (SERV)  
 Bibliotecas Públicas (SERV)  
 Catalogação de Livro Antigo (OPI)  
 Codicologia (CSH)  
 História das Instituições Eclesiásticas (CSH)  
 História do Livro (CSH)  
 Inglês Técnico (CSH)  
 Latim (CSH)  
 Noções de Contabilidade (CAG)  
 Preservação e Conservação (SERV)  
 Tecnologia Multimédia (I)